



Terroristas posaram para a posteridade no edifício do Governo do Distrito de Quissanga

PERANTE O SILÊNCIO E O DESNORTE POLÍTICO DE FILIPE NYUSI

Terroristas ocupam território e passeiam nas vilas do norte de Cabo Delgado

Quando na madrugada de 05 de Outubro de 2017 a vila de Mocímboa da Praia foi surpreendida por um ataque armado que visou o Comando Distrital da Polícia, nada poderia fazer prever que, um dia, os atacantes pudessem voltar ao mesmo local para atingir os mesmos alvos. Mas voltaram. E desta vez não só atacaram as Forças de Defesa e Segurança (FDS), mas também para ocuparem a vila, içaram a sua bandeira e “conviveram” com os residentes locais.

Na madrugada de segunda-feira, os terroristas chegaram na vila de Mocímboa da Praia através de barcos; barricaram as principais saídas por terra; tomaram posições e, sem ninguém se aperceber da sua presença, começaram a atacar o Comando

Distrital da Polícia e o quartel do Exército.

Tal como aconteceu no primeiro ataque de 2017, as FDS foram surpreendidas com tiros à queima-roupa, sem condições objectivas para defender as suas posições. Sem enfrentar grande resistência, os terroristas tomaram o Comando Distrital da Polícia e o quartel do Exército de Mocímboa da Praia.

Num dos vídeos postos a circular pelas redes sociais, os atacantes exibem grandes quantidades de armas de guerra e outro tipo de material bélico saqueados no Comando da PRM e no quartel militar. Além de se abastecer com armamento do Estado, os terroristas queimaram e vandalizaram instalações militares e meios circulantes das FDS.

Enquanto os Ministérios da Defesa Nacional e o

do Interior contabilizavam os prejuízos, o autoproclamado Estado Islâmico reivindicou a autoria do ataque à vila municipal de Mocímboa da Praia, o maior e o mais aterrador contra as FDS. Aliás, o Estado Islâmico fala de “dezenas de militares e polícias” mortos no assalto de segunda-feira, segundo escreve a Reuters, citando a Agência de Notícias Amaq, principal meio de propaganda daquele grupo terrorista.

Fontes contactadas pelo CDD descreveram um cenário de terror, com corpos de agentes das FDS espalhados em alguns pontos da vila, sobretudo nas proximidades do quartel do Exército. “O principal alvo dos al Shabab eram os militares e os polícias. Os que conseguiram fugir tiveram que tirar a farda e abandonar as armas para não serem identificados”, contou um jovem que não quis ser identificado.

Depois de assaltar e ocupar as instalações militares e policiais, os atacantes começaram a vandalizar instituições públicas e propriedades privadas.

“O principal alvo dos al Shabab eram os militares e os polícias. Os que conseguiram fugir tiveram que tirar a farda e abandonar as armas para não serem identificados”

O rasto de destruição atingiu as residências oficiais do Administrador e do Presidente da autarquia de Mocímboa da Praia; o edifício sede do Conselho Municipal, a residência de militares, bombas de combustíveis, agências bancárias, porto, autocarros de transporte de passageiros, camiões de carga, viaturas ligeiras e estabelecimentos comerciais.

Outra infra-estrutura vandalizada é o Aeródromo de Mocímboa da Praia, que em Fevereiro de 2018 abriu para o tráfego internacional com o objectivo de facilitar as operações das companhias petrolíferas que exploram gás natural da Bacia do Rovuma, no distrito de Palma.

Com a ligação rodoviária entre Pemba e Palma interrompida devido aos ataques na Estrada Nacional N° 380 e às sucessivas

quedas das principais pontes, o abastecimento das FDS posicionadas no centro e norte de Cabo Delgado também era feito via aérea, utilizando o Aeródromo de Mocímboa da Praia, cujo cumprimento da pista permite receber aeronaves de médio porte.

Terroristas evitam matar civis e tentam conquistar simpatia da população

Abandonada à sua sorte, a vila de Mocímboa da Praia só não “acordou” para um massacre porque desta vez os terroristas preferiram poupar a vida da população civil. Enquanto prosseguia o assalto contra alvos militares, o pânico e o desespero tomavam conta dos residentes locais. Alguns desafiaram o fogo cruzado que clareava a madrugada e fugiram para a praia. De lá apanharam pequenos barcos e rumaram para as ilhas ao largo da vila.

Mas a maioria permaneceu dentro das casas, esperando pelo pior. Mas quando os tiros cessaram, os terroristas entraram casa por casa e mandaram toda gente para as mesquitas. “Eles entraram na minha casa e disseram que devíamos ir à mesquita rezar. Desconfiamos porque estávamos com muito medo, mas quando chegamos na mesquita encontramos muitas pes-



População da vila de Mocímboa da Praia despedindo-se dos terroristas

soas. Os al Shabab disseram que não devíamos fugir porque seu objectivo não era de fazer mal a ninguém”, contou uma senhora, em contacto telefónico com o CDD.

Depois de dois anos de matança (contagens paralelas apon-

tam para mais de 600 pessoas assassinadas), os terroristas que actuam em cabo Delgado parecem estar a mudar de estratégia: conquistar a simpatia da população. Como? Poupano-a de mortes violentas e levando-a a acreditar que o inimigo comum são as FDS e o Estado no geral. “Os al Shabab repetiam sempre que estavam a lutar pelo bem da população; que não têm nenhum problema com a população, mas com os militares. Até nos aconselharam a não sair da vila porque podíamos ser mortos por militares que haviam fugido para as matas”.

Durante a sua permanência na vila de Mocímboa da Praia, os terroristas conviveram com a população e distribuíram comida que saquearam em vários estabelecimentos comerciais. Quando estavam a sair da vila, houve espaço para despedidas, com a população a agradecer pelo facto de não ter havido assassinatos de civis. “Uns saíram de carros carregados de armas e comida e outros apanharam barcos. Até à altura em que saíram, por

volta das 19H00, nenhum militar ou polícia estava na vila”, contou ao telemóvel um jovem que trabalha numa loja.

Mocímboa da Praia é uma vila de referência no norte de Cabo Delgado: é atravessado pela EN380 que liga a capital Pemba ao distrito de Palma, palco de grandes projetos de gás natural liquefeito cujos investimentos poderão ascender a 60 mil milhões de dólares. O aeródromo funciona como um pequeno “hub” local, onde chegam aeronaves que partem de Pemba e os helicópteros que fazem a ligação para Palma. O porto serve como alternativa para o abastecimento dos distritos do centro e norte da província com combustível e outros bens.

É esta importante vila municipal que foi tomada e dirigida por terroristas durante 24 horas. Com a nova estratégia que visa conquistar a simpatia da população, os terroristas podem estar a preparar o terreno para uma ocupação efectiva de vilas do norte e centro de Cabo Delgado.

Depois de Mocímboa da Praia, vila de Quissanga também caiu nas mãos de terroristas



Terroristas assaltaram o Comando da PRM em Quissanga

Na segunda-feira, enquanto decorria a ocupação da vila de Mocímboa da Praia, a Polícia em Maputo chamou a imprensa para dar o ponto de situação: “as nossas forças estão a lutar contra os malfeitores que invadiram a vila”. Primeiro foi o porta-voz do Comando Geral da PRM, Orlando Mudumane, e mais tarde o Comandante Geral da Polícia, Bernardino Rafael.

Já na terça-feira, o porta-voz do Governo, Filimão Suaze, informou que os ministros da Defesa Nacional, Jaime Neto, e o do Interior, Amade Miquidade, já estavam em Cabo Delgado para “avaliar a situação no terreno”.

Enquanto os dois governantes contabilizavam os prejuízos e as baixas, os terroristas entravam na vila sede do distrito de Quissanga, a 120 quilómetros

de Pemba. Usando a mesma tática de Mocímboa da Praia, tomaram o Comando Distrital da PRM de Quissanga, vandalizaram várias instituições públicas e privadas. E como não poderia deixar de ser, levaram consigo todo o armamento que estava armazenado no comando da Polícia.

Para exibir o seu poderio militar, os terroristas – a maioria vestido de uniforme militar e com as caras vendadas – posaram para a posteridade nos principais símbolos de poder: Comando da PRM, residência oficial do Administrador e sede do Governo distrital.

Alguns residentes locais fugiram para a Ilha do Ibo e outros para Pemba, mas quem permaneceu na vila conta que não houve assassinato de civis. “Eles entraram à madrugada e só saíram por volta das 14h00. Estavam a circular normalmente e não houve nenhuma tentativa de recuperar a vila por parte dos militares. Todos fugiram, mas fala-se de dois mortos”, contou Jordão Amide, professor de ensino primário.

Sobre este ataque, a Polícia e o Governo ainda não se pronunciaram. Os assaltos contra duas vilas acontecem 10 dias depois de o Presidente da República ter visitado o Quartel Militar de Mueda, onde são coordenadas as operações das FDS. Há uma semana, o Comandante Geral da Polícia esteve na vila de Mocímboa da Praia por algumas horas e dirigiu a cerimónia onde foram apresentados publicamente os suspeitos de colaborar com os terroristas, fornecendo serviços de logística. Por isso, o grupo radical invadiu as celas do Comando

de Mocímboa da Praia e libertou os colegas que estavam detidos.

Enquanto isso, o Presidente da República continua no silêncio perante a tomada de duas vilas distritais. Um silêncio que denuncia, no fundo, a falta de visão para encarar o problema. O Governo continua a descrever os ataques terroristas em Cabo Delgado como “acção de malfeitores”, um eufemismo que visa esconder o terror que afecta perto de 100 mil pessoas.

Desde que os ataques terroristas começaram em Outubro de 2017, o Governo de Filipe Nyusi nunca partilhou informações relevantes com a sociedade e pouco faz para garantir a defesa da soberania e para salvar a vida da população. As FDS operam em meio a todo tipo de dificuldades: não há condições materiais, logísticas e muito menos morais para travar uma guerra contra terroristas. Há relatos de deserções nas fileiras das FDS destacadas para Cabo Delgado.

O secretismo do Governo visa sobretudo esconder essas fragilidades que resultam da falta de estratégia para lidar com um problema que constitui uma séria ameaça à soberania e à segurança do país. E os terroristas já se aperceberam que estão a actuar num Estado indefeso e praticamente sem liderança política. Os próximos assaltos contra vilas ou mesmo cidades de Cabo Delgado serão anunciados sem grandes surpresas. Desde a assinatura do Acordo Geral de Paz em 1992, Moçambique nunca esteve à deriva como está agora, sem liderança e sem soluções à vista.



Aeródromo de Mocímboa da Praia facilitava o abastecimento das FDS e a logística das petrolíferas



Aeródromo de Mocímboa da Praia vandalizado



Vandalização do Aeródromo de Mocímboa da Praia



Terroristas não pouparam o Comando da PRM em Mocímboa da Praia



INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – Centro para a Democracia e Desenvolvimento
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: João Nhabanga Tinga
Autor: João Nhabanga Tinga

Equipa Técnica: João Nhabanga Tinga, Agostinho Machava, Ilídio Nhantumbo, Denise Cruz, Isabel Macamo.
Layout: CDD

Contacto:
Rua Eça de Queiroz, nº 45, Bairro da Coop, Cidade de Maputo - Moçambique
Telefone: 21 41 83 36

 CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: <http://www.cddmoz.org>

PARCEIRO PROGRAMÁTICO



Comissão Episcopal de Justiça e Paz, Igreja Católica



COUNTERPART
INTERNATIONAL



 Schweizerische Eidgenossenschaft
Confédération suisse
Confederazione Svizzera
Confederaziun svizra

Embaixada da Suíça em Moçambique

